

ALGUMAS LEMBRANÇAS E REFLEXÕES SOBRE A TOPOGRAFIA ENCANTADA DE UMA VILA AMAZÔNICA

THIERRY VALENTIN

Vila Santo Antônio, Município de Óbidos, Pará, no 29 de setembro de 1990. Um jovem moço desaparece no momento em que pescava perto da vila. Seu corpo será achado no dia seguinte. Na véspera, dois aldeões tinham avistado o Macacão, grande encantado que mora no fundo das águas do lago. Tudo parece reunir os dois eventos, num novo episódio da confrontação entre os pescadores ribeirinhos e os seres com quem devem dividir a natureza. Testemunha dos fatos, um antropólogo viveria assim dois anos dessa dramática cotidiana (M. Carvalho, 1993).

Cinco anos depois, igualmente antropólogo, eu estava no

mesmo campo para efetuar minha pesquisa de mestrado. O trabalho de M. Carvalho ainda estava desconhecido por mim, e a sua presença anterior me havia sido revelada pelos aldeões. O falecimento de Joaquim me foi contado, e me foi mostrado o lugar exato do evento. Cada dia mais, os relatos de experiências se encadeando, meu diário de campo se encheu de figuras – para mim – extraordinárias, com as quais as pessoas viviam uma relação finalmente ordinária. A morte, a dor, a doença e o medo, bem que muitas vezes presentes, não conseguiam apagar o caráter fundamentalmente normal dos encontros com os encantados, os “bichos do fundo”: a vida era assim” na Vila Santo Antônio.

O CABOCLO E SEUS FANTASMAS

A figura do Caboclo amazônico foi durante muito tempo um objeto perfeito, consensualmente e historicamente construído para responder às dúvidas tanto da sociedade brasileira quanto das ciências humanas amazônicas. Essas dúvidas poderiam ser resumidas numa simples pergunta: o que tem entre o ameríndio e o brasileiro, entre o espaço recuado da floresta e o da modernidade se construindo na costa atlântica? A fronteira não sendo tão nítida, tinha que poder designar um tipo de identidade quase-étnica, que possa assegurar

a passagem. Certamente, não adiantara nada negar a existência de um campesinato mestiço na Amazônia. Mas essa recebeu um nome e um rosto que não era a sua, e isso, do lado da antropologia, foi a “maldição” herdada dos trabalhos, no entanto pioneiros e fundamentais, de C. Wagley (1957) e E. Galvão (1976).

Apesar de importantes publicações recentes, que colocam os ditos—Caboclos no campo da problemática, é ainda largamente difundida a imagem de uma comunidade simples, homogênea e vivendo a passo sob o duplo peso de um determinismo histórico e natural. O Caboclo “clássico” está sempre presente nos livros didáticos escolares, nas conversas cotidianas, nos artigos da imprensa... Está também nas esferas decisórias, onde chegou a ser o novo arquétipo da “população tradicional” neo-indígena sobre quem se fundam certos projetos de desenvolvimento sustentável. Em outros termos, a identidade dos camponeses e amazônicos históricos continua a ser instrumentalizada, e por razões ligeiramente diferentes que as da exploração das “drogas do sertão” ou da borracha.

Evitando então de falar em Caboclos, termo exógeno que não recobre uma real autodenominação das populações que é reputado representar (Lima, 1997), eu direi “aldeões” ou “ribeirinhos”, por designação do seu habitat principalmente fluvial. Deixando o debate sobre a consistência de uma tal identidade genérica, me interessarei por uma faixa da atividade imaginária de uma vila

particular, faixa que justamente foi muitas vezes usada para justificar a idéia de uma relação respeitosa e medrosa e equilibrada dos homens com a natureza: a figura dos encantados.

O termo mesmo de “imaginário” induz suspeita. No sentido comum, é imaginário o que não é real. Geralmente, os estudos interessando-se pelas populações ribeirinhas não as concedem o respeito que, por exemplo, permite considerar os ameríndios como sábios “simbolizadores”, e os seus discursos míticos como uma forma de ordenamento do mundo somente diferente da nossa. Aos que são só Caboclos, o léxico do desprezo — às vezes involuntário — reservou as categorias folclóricas da credice, da superstição ou do conto. Essa tendência só pode ser acentuada quando, como o faz recordar C. Brandão, o imaginário do mundo rural está tratado como um objeto fora do resto, em anexos, em capítulos marginais ou em outros volumes, quando a atenção para os outros busca acentuar a polissemia do simbolismo, e a sua interpenetração em todas as outras esferas da vida (1993).

Tem que se dizer com força que a coerência de uns não poderia ser menor do que a dos outros. Quando se conta que se viu um homem virar-se num boto, um barco transformar-se numa Cobra Grande, ou uma onça com corpo de búfalo e patas de cavalo, é que se viu. Quando se conta que seu marido se encantou, que sua filha está assombrada por uma mãe d’água ou que seu filho, na verdade, é filho de boto, é que se

vive. Quando, na beira de um aningal, se diz que ali tem uma Cobra Grande escondida, é que ali está, e que quase toquei nela esse dia. Em outros termos, os antropólogos, geralmente populistas e paternalistas, escutam demais as pessoas do ouvido do adulto indulgente, que sabe que seu filho está contando uma estória, mas acha nisso uma fonte de terno maravilhamento. O que então o antropólogo não revela, é que ele pensa que é, no melhor, uma mentirinha, e, no pior, uma expressão patológica. Tem então um problema.

O imaginário dos ribeirinhos é um discurso da realidade. O registro com o qual devemos todos trabalhar não sendo o da prova, as narrativas de encantamentos devem ser lidas tanto como discurso sobre o mundo real, quanto como princípio organizador desse mesmo mundo.

OS LUGARES DO ENCANTAMENTO

A vida em Santo Antônio se divide entre a vila, edificada numa ponta de terra firme, e numerosos sítios isolados nas margens da várzea do lago ou do igarapé que o liga ao Rio Amazonas. Quase todos pescadores e agricultores, os aldeões passam uma grande parte do tempo ao contato da água, para se transportar como para assegurar uma quota cotidiana de peixe. Sua geografia se constitui de múltiplas balizas e dos deslocamentos que pontuam: particularidades

topográficas, lugares de pesca ou de coleta, vegetação, topônimos etc... Tem que se acrescentar as variações sazonais, que tornam esse espaço movente e dele mudam os possíveis, no ritmo do jogo das aparições e desapareções que dita o ciclo das águas.

Dos fios das narrativas aparece, não sobreposta mas entrelaçada, tecida, uma outra topografia ligada aos seres mágicos. Cada história começará por uma descrição detalhada do lugar onde se produz o encontro, e muitas vezes de uma explicação do caminho que separa o lugar da locução e o da história. No desenlace da narração, esse lugar pega na sua vez um valor de baliza, o encontro com o encantado conferindo um sentido particular. Assim, se conhece um lugar porque tem palmeiras de açaí, na beira de um igarapé, onde Zéfiro tem uma roça e onde Valdi viu sair da água um búfalo imenso e com olhos vermelhos...

O narrador precisará também o nome de quem o acompanhava, e situará o evento em função de marcadores temporais biográficos ou cíclicos – seguindo os calendários religiosos ou naturais. A rememoração do acontecimento se instala então numa rememoração mais ampla da sua vida. De mais, ao passado do relato e ao presente do ato de narração se junta o futuro do que,

escondido, pode surgir de novo. Esses lugares são pontos que se vigiam.

Tem, na memória das experiências, como se fosse a

plano e geométrico, o espaço acaba por aparecer existencial e contado, um espaço narrativo que não é feito de linhas e de interseções, mas de caminhos e de cruzamentos

entre seres e narrativas. Quando um aldeão chega a responder sobre “as coisas que acontecem no lago”, ele apresentará sempre sua própria topografia, iniciada da sua experiência. Quando, de uma topografia para a outra, se acham pontos de encontro, sempre se tratará de lugares onde se imprime uma carga de sentidos e de eventos particularmente intensa, ultrapassando a particularidade das apropriações. Esses lugares comuns são então lugares de vivência comum, seja pela experiência direta – “Eu e os meus parceiros vimos...” –, seja pela experiência da narração –

“Fulano diz que viu...”. Os pequenos e altos fatos se ancoram assim no espaço natural que aperta a vila, construindo uma antologia dos lugares e dos homens que os vivem.

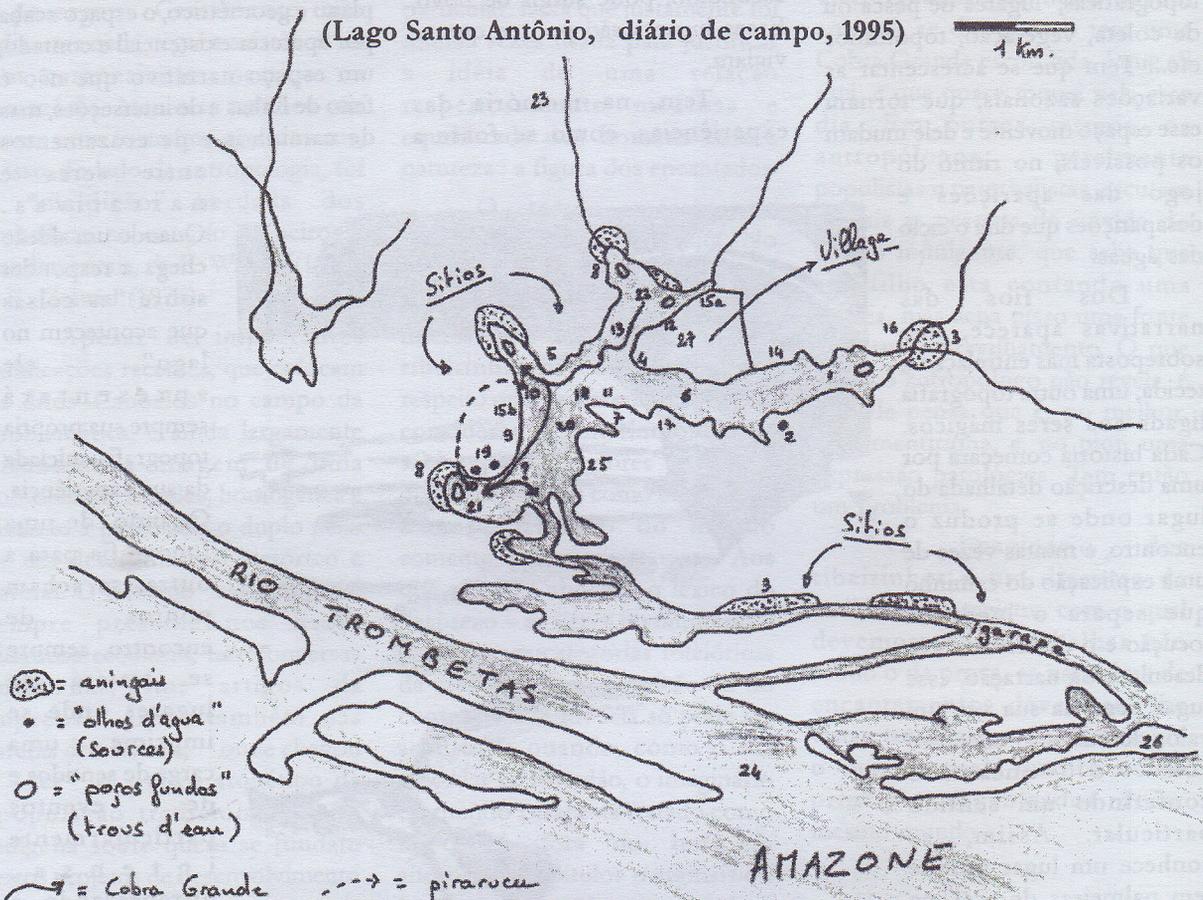


constituição de geografias e de histórias singulares de um mundo comum, cada um misturando suas lembranças com as dos outros. Não tem nem geografia instituída, nem história oficial. Longe de ser

OS LUGARES DO ENCANTAMENTO

(Lago Santo Antônio, diário de campo, 1995)

1 km.



● = aningais
 • = "olhos d'água"
 (Sources)
 ○ = "poços fundos"
 (trous d'eau)

→ = Cobra Grande - - - - - → = pirarucu

1. Rogério viu uma arraia gigante, sem dúvida uma mãe.
2. "Olho d'água" (fonte) do qual a mãe é uma cobrinha.
3. Nesses aningais tem uma tapiraiauaara, "onça d'água", com cabeça e patas dianteiras de onça, corpo de búfalo pintado, e patas traseiras de cavalo. Encantado medroso, ela "não mexe com ninguém", mas sua caatinga pode atordoar as pessoas.
4. Capela de Santo Antônio. Na frente do lago, é prolongada pelo único trapiche da vila. Ali aparecem "procissões encantadas". Uma sereia mora

debaixo, assim como a Cobra Grande Guimarães às vezes ali permanece. No final do trapiche, na água, tem um "porto encantado" de onde saem numerosos encantados que andam na beira à noite. Ponta da vila de frente à água, a capela perde sua ação profiláctica de baliza marcando a fronteira entre o humano e o não-humano. Chega a ser, ao contrário, o lugar privilegiado da reunião.

5. Na Praia do Vicente, onde estava organizada uma festa, um boto foi reconhecido entre os dançadores e fugiu mergulhando na água.

6. Localização do Encante do Macacão, considerado como sendo a maior mãe do lago. É freqüentemente avistado, e tentou agredir várias pessoas, das quais Cazuza dormindo a bordo do seu barco. O encontro foi fatal para Joaquim.

7. Ponta da Euzira, Sabá foi queimado por um relâmpago, que matou seu parceiro. O lugar é dito "estranho" porque atrai periodicamente os raios.

8. Saída da Cabeceira Santa Maria, uma Cobra Grande navegou no lago debaixo de um aningal flutuante, depois de ter deixado o

- seu “poço fundo”. Andando “contra vento”, teria parado com a sua “capa” vegetal na Cabeceira do Jurupari. Uma outra versão – ou uma outra Cobra Grande – a faz partir da Cabeceira da Fazenda e sair nas águas do Rio Amazonas. Em regra geral, todo aningal foi, é ou será a “capa” de um grande encantado.
9. Dois parceiros viram chegar uma lancha iluminada, que se revelou ser a Cobra Guimarães transformada. Vinha da beira da Capela.
 10. Fígado no “poço fundo” da Cabeceira da Fazenda, então separado do resto do lago pela baixa das águas de verão, um pirarucu apareceu de novo, com a ponta da fígua na carne, na Cabeceira do Jurupari. Essa história, além da existência dos “olhos d’água”, é muitas vezes contada para comprovar a complexidade abissal do lago, cheio de subterrâneos, e então de possíveis seres escondidos.
 11. Ponta da Euzira, foram avistados pescadores jogando suas tarrafas à noite. Chamados, mergulharam na água e desapareceram.
 12. Jovem, Mauro viu um cavalo marinho que corria por cima da água. Era grande e branco. Outra vez, uma mulher menstruada engravidou do mesmo e faleceu louca, já encantada longe do seu corpo.
 13. Um jacaré com olhos vermelhos apareceu. Sem dúvida uma mãe, enfrentou a lancha de Roberto que teve que o deixar passar para não afundar. A lancha mede cerca de 8 metros.
 14. Um búfalo enorme sai às vezes da água para entrar nas capoeiras.
 - 15a. Seu Passarinho descobriu ouro cavando sob as dicas de uma visagem, “antigo português que faleceu durante a Cabanagem”.
 - 15b. Dona Lúcia recebeu as mesmas dicas mas não achou o tesouro porque estava cavando com alguém. As visagens “só dam para uma pessoa”. Todo o redor do lago seria constelado de tais tesouros enterrados, como é também de vestígios de cerâmicas indígenas que se acham em cima das mesas de cura dos pajés da vila.
 16. Ali mora uma guaribanboia, tipo encantado e aquático do macaco guariba.
 17. Rosana e Sérgio viram passar uma Cobra Grande durante uma noite de pescaria.
 18. Pedro viu passar uma canoa com dois adultos e uma criança. Afundaram em silêncio.
 19. Na margem da Cabeceira da Fazenda, tem dois “olhos d’água” relativamente pequenos – uns dez e vinte centímetros. Tem como mãe um poraquê e uma cobra surucucu,
 20. Ali se acha o Encante de um boto que agrediu Zé quando passava de canoa.
 21. Lugar privilegiado pela mãe do pirarucu, pequeno representante da espécie com cores brilhantes. Sendo mãe de um tipo animal e não de um lugar, já foi avistado em outras paragens.
 22. Em três lugares aconteceram tragédias: afogados, três aldeões talvez viajaram para o Encante.
 23. Pontuando um igarapé, uma grande cachoeira atrai as pessoas para tomar um banho gelado. Debaxo, tem uma caverna com muitos morcegos e uma sapa mãe,
 24. Na foz do Rio Trombetas, a mãe do pirarara causa numerosas desapareções. Peixe enorme, se diz que sempre tem a boca aberta, e que cair na água significa automaticamente ser engolido.
 25. Ali foi assombrada, e depois salvada, a irmã de Sabá, que andava na beira.
 26. Perto de uma “terra caída”, se ouve regularmente o som da sociabilidade de uma cidade encantada: foguetes, gado, galinhas, musica...
 27. A vila é freqüentemente percorrida pelos encantados, sob forma de homens grandes, brancos ou pretos, vestidos de branco ou vermelho. É também lugar de visagens e de bruxos transformistas: a matinta pereira e o labisônio.

A lista dessas narrativas resumidas, que são outras tantas atualizações de uma passagem, de um contato entre os mundos do Encante e da terra dos homens, é necessariamente fragmentaria. Certas delas são comuns às registradas por Carvalho, outras faltam. É uma geografia em frágil suspensão, uma oralidade artificialmente coalhada num papel – e, como se diz na Espanha, o papel não sangra. Outras narrativas sempre faltaram para poder considerar esse mapa como plenamente representativo do conjunto da vila. Antes de tudo, é um mapa do contadores que consegui encontrar num certo espaço-tempo, e então o reflexo de momentos de palavras singulares.

No entanto, se o imaginário dos aldeões imprime assim sua

marca no espaço, não parece reger essa topologia clássica que veria se opor o humanizado e o selvagem, o ordinário e o extraordinário, o normal e o monstruoso. A oposição entre um dentro e um fora da vila é certamente visível, senão Vila Santo Antônio seria o Encante, mas as fronteiras são tênues. Ao lado da água, onde acontece a maioria dos encontros, a vila ladeia os encantados, e esses saem muitas vezes dos seus domínios para andar a noite nas ruas. Quase todos os eventos cartografados estão, na escala real do lago, muito próximos da cerca da sociabilidade humana.

Certos autores dizem que os lugares encantados são lugares de resguardo, e que os ribeirinhos, como se fossem “pre-ecologistas”, estabeleceriam assim um tipo de reservas de proteção ambiental. Os aldeões não devem o saber, porque, se ficam prudentes, no entanto não se proibem nenhum lugar do lago, até o mais perigoso. Os encantados freqüentam então o espaço dos homens e reciprocamente. Às vezes, parece como a vida de dois bairros de uma mesma cidade, um pouco antagonistas, mas não só.

Tão vizinhos...

É freqüente ler que os ribeirinhos não estabelecem uma nítida diferença entre os mundos humanos e naturais, a passagem de um para o outro podendo ser vista como um tipo de continuum. A idéia de um tal holismo pode parecer sedutora, e efetivamente os ribeirinhos fazem uma projeção da

humanidade fora das fronteiras da cultura. Os encantados, figuras tutelares do meio ambiente, são antigos humanos que não teriam falecido, mas teriam conhecido um processo de transmutação. A sociabilidade das cidades encantadas é dita como sendo idêntica à das cidades humanas, embora mais perfeita. Mas aqui acontece uma cesura. Onde os ameríndios pensam diretamente os animais como sujeitos dotados de linguagem, sociabilidade, intencionalidade e emotividade (Descola, 1997), os ribeirinhos atribuem esse fato aos só encantados, que chegam assim a ocupar uma posição intermediária entre duas esferas. As interações se produzem com eles só, e a natureza, privada de alma, só intervém como objeto dominado, praticamente ou simbolicamente, por esses dois únicos tipos de seres verdadeiros¹.

P. Descola precisa que todo sistema de representação dos seres não-humanos pode ser pensado como sendo um “modo de identificação”, isso é uma maneira de “definir as fronteiras de si e de outrem” (1997:258). Espacialmente e identitariamente, essa fronteira entre os homens e os encantados aparece mais do que fluida. Homens e encantados se constituem como alter ego, literalmente “outros si-mesmo”. Mais do que de oposição, suas relações parecem realmente de igualdade e complementaridade. As agressões encantadas – das quais certas são a resposta a uma primeira agressão humana, perpetrada por exemplo contra os “filhos” animais de uma mãe – não

devem fazer esquecer certas relações de troca – os encantados oferecem também a saúde, “baixando” nos curadores durante as sessões de cura –, e outras, múltiplas, de aliança – amigável, quando os encantados se “agradam” de uma pessoa, sexual e familiar, quando uma mulher humana pode dar luz a filhos de encantados (que podem, no seu turno, ficar humanos ou ir para o Encante), e até “trans-generacional”, quando, metaforicamente, se pede licença de navegar para a mãe do lago chamando-a “minha vó”.

Evitar os lugares encantados seria então incôngruo, porque impediria viver plenamente esses três termos de relação – agressão, troca e aliança –, que são a condição mesma, simultaneamente, do paradoxo que faz os homens e os encantados no mesmo tempo similares e diferentes. Parece que esses termos estejam igualmente operando no seio mesmo da sociedade dos homens entre si: quando os aldeões deixam a impressão de uma comunidade homogênea, atualizando quotidianamente a troca e a aliança, funcionam de fato como uma reunião contraditória de redes – principalmente familiares – que opõe uma lógica permanente da inveja e da agressão mágica². Nesse caso também, poderia se referir à vontade dos aldeões de serem ao mesmo tempo próximos e distantes dos seres que os ladeiam.

Tomando cuidado de não cair no discurso da indianidade latente, convém no entanto se interrogar sobre essa parte mágica do mundo ribeirinho, onde parece se desenhar um tipo de contraponto a um dualismo herdado do pensamento cristão – onde os filhos de Deus não podem ser relacionados à animalidade -, e a um comunitarismo historicamente fundado pelo trabalho de catequese rural da igreja católica (Araújo, 1994).

Os aldeões afirmam muitas vezes que tem “mais olhos na água” do que “cabelos em cima da terra”, e que, ao contrário dessa, a água não poderia ser dividida porque “é um dom de Deus”. Do fundo e da superfície, nesse jogo de olhares que se cruzam e se trocam, os ribeirinhos põem assim

suas vidas num espelho de múltiplas facetas. E, tal como Alice, passam às vezes do outro lado.

NOTAS

- 1 Os ribeirinhos fazem assim uma nítida diferencia entre, de um lado, os humanos e os encantados, os “seres vivos” possuindo um espírito e um corpo, e, de outro lado, os animais, aos corpos sem alma, e as visagens, as almas sem corpos sólidos.
- 2 A lógica social da agressão permanente foi desenvolvida por P. Clastres, a respeito das populações ameríndias (1980).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Roberto. Manejo ecológico, manejos políticos: observações preliminares sobre conflitos sociais numa área do Baixo Amazonas. in: D'INCAO, Maria A. & SILVEIRA, Isolda M. da. (orgs.). **A Amazônia e a crise da modernização**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994. pp. 301-308.

BRANDÃO, Carlos R. O desencanto do outro: mistério, magia e religião nos estudos do mundo rural no Brasil. In: **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p. 9-30, 91.

CLASTRES, Pierre. **Recherches d'anthropologie politique**. Paris: Seuil, 1980.

CRAVALHO, Mark A. **An invisible universe of evil: Supernatural malevolence and personal experience among Amazon peasants**. San Diego: University of California, 1993. (PhD Dissertation in Anthropology).

DESCOLA, Philippe. Ecologia e Cosmologia. In: CASTRO, Edna & PINTON, Florence (orgs.). **Faces do Trópico Úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup, 1997. pp. 243-261.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

LIMA, Deborah A. Equidade, desenvolvimento sustentável e preservação da biodiversidade: algumas questões sobre a parceria ecológica na Amazônia. In: CASTRO, Edna & PINTON, Florence (orgs.). **Faces do Trópico Úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup, 1997. pp. 258-313.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

